



Projetos de Investigação

“Megalitismo Funerário Alentejano”

Leonor Rocha | CEAACP
Universidade de Évora

O projeto de investigação MFA – Megalitismo Funerário Alentejano encontra-se em execução há 10 anos (MFA I, MFA II e MFA III – em curso) e surge na continuidade de outros que visavam, também, o estudo dos contextos funerários no Alentejo Central em termos da sua caracterização crono-cultural, desde as origens até à fase final. Nesse sentido procura-se estudar a evolução deste fenómeno cruzando arquiteturas e espólios a partir de escavações antigas mas, também, com a realização de novos trabalhos.

Em termos gerais, pretende-se compreender todas as componentes da morte destas Primeiras Sociedades Camponesas, que passa, necessariamente, pela compreensão do mundo dos vivos, que os construíram. Assim, estes projetos têm vindo a incidir em monumentos megalíticos funerários mas, também, em monumentos megalíticos não funerários, em povoados e no estudo das manifestações artísticas associadas.

Atendendo aos objetivos iniciais e aos resultados (e contratempos) que temos sentido no âmbito de projetos anteriores, pretende-se com este projeto dois objetivos fundamentais:

1. Contribuir para o conhecimento da linha do tempo dos monumentos megalíticos, ou seja, compreender e enquadrar cronologicamente a génese e evolução do megalitismo no Alentejo. Para se atingir este objetivo pretende-se estudar um conjunto [selecionado] de sítios arqueológicos (monumentos megalíticos, povoados e contextos associados) que nos continuam a parecer fundamentais para a compreensão deste fenómeno. Trata-se, em geral, de monumentos/sítios que pela sua tipologia/dimensão, nos suscitam mais dúvidas, em termos

cronológicos e culturais. Em relação às intervenções realizadas em monumentos funerários tem-se também procurado intervir sobretudo em sítios ameaçados ou parcialmente destruídos.

2. O estudo de espólios resultantes de anteriores intervenções arqueológicas que se encontram em depósito em Museus e outras instituições públicas.

Este último objetivo está diretamente relacionado com o Objetivo 1 e parece-nos essencial para uma adequada compreensão do mesmo. Para a sua execução contamos com o apoio dos investigadores associados aos Laboratórios existentes na Universidade de Évora: Laboratório HERCULES e Laboratório Pinho Monteiro, com os quais temos vindo a trabalhar nos últimos anos e também com o Centro de Investigação que integro, o CEAACP Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património. Os trabalhos de campo têm contado com o o apoio de diversas entidades, nomeadamente as autarquias de Mora, Arraiolos, Monforte e Marvão e também da Fundação Eugénio d'Almeida. Os estudos laboratoriais (físicos e químicos) que se têm vindo a realizar pretendem contribuir para:

- i. Identificar a natureza das matérias-primas utilizadas na produção das cerâmicas, líticos, metais, etc. e, desta forma, contribuir para a identificação da sua proveniência;
- ii. Identificar tecnologias de produção;
- iii. Identificar diferenças e semelhanças entre materiais provenientes de monumentos cronologicamente coevos.

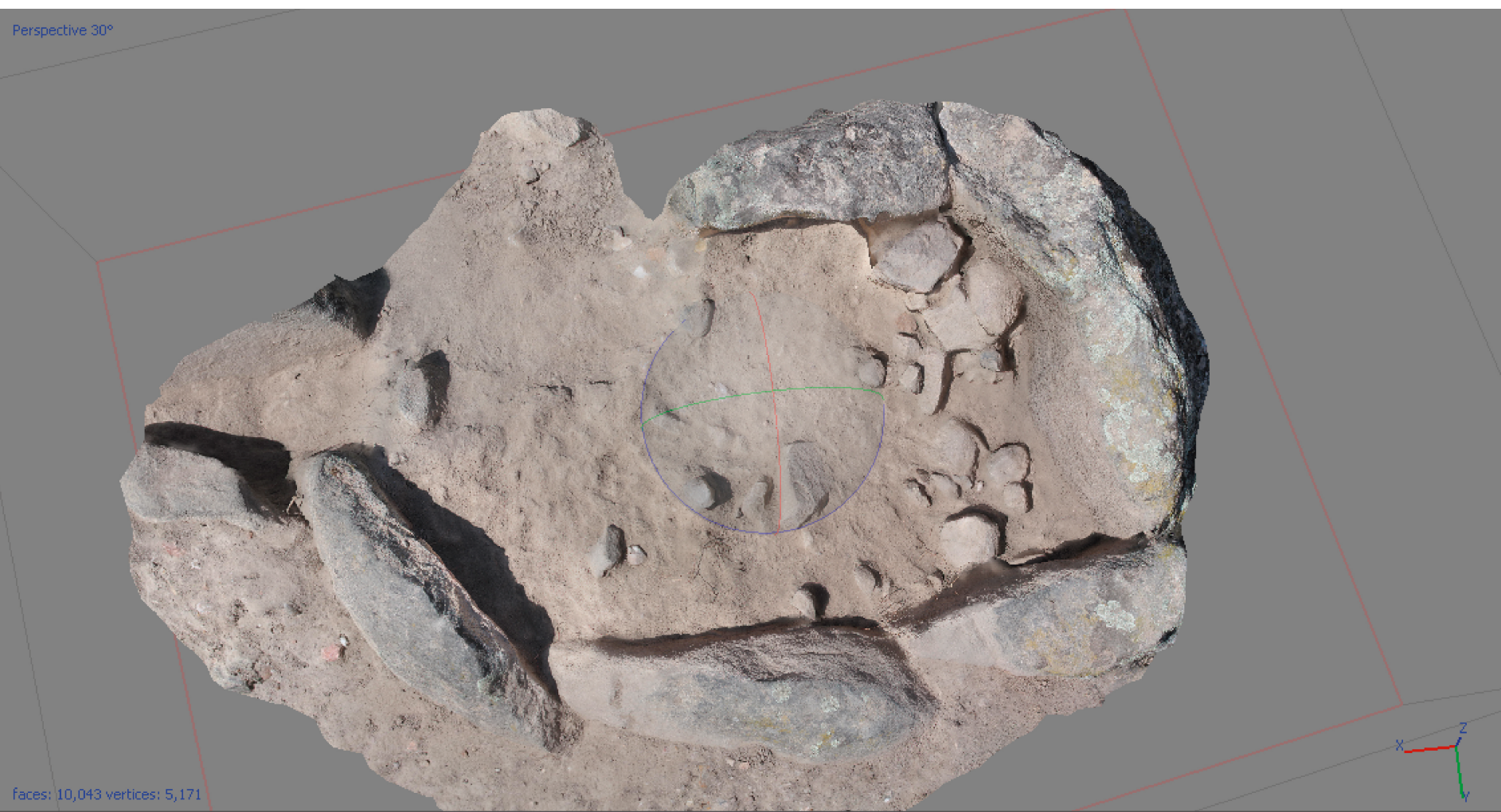


Fig. 1 [em cima, à esquerda] - Escavação da Anta dos Soeiros (Vimieiro, Arraiolos).

Fig. 2 [em cima, à direita] - Escavação do Menir da Caeira (Vimieiro, Arraiolos).

Fig. 3 [ao lado] - Fotogrametria da Anta dos Soeiros (Vimieiro, Arraiolos).





Fig. 4 [página ao lado, à esquerda] - Pormenor de espólio recolhido na intervenção das Sepulturas visigóticas intervencionadas na mamoa da Anta das Murteiras (Torre de Coelheiros, Évora).

Fig. 5 [página ao lado, à direita em cima] - Sepulturas visigóticas intervencionadas na mamoa da Anta das Murteiras (Torre de Coelheiros, Évora).

Fig. 6 [página ao ao lado, à direita em baixo] - Levantamento com georadar no Menir da Caeira (Vimieiro, Arraiolos).

Fig. 7 [esta página] - Fotogrametria do Menir da Caeira (Vimieiro, Arraiolos).



Os dados compilados no decurso dos meus trabalhos, testemunham diferentes momentos da vida destes monumentos, resultantes da “atração” que os mesmos exerceram sobre as populações que foram habitando estes espaços ao longo dos tempos. Esta traduz-se, frequentemente na sua reutilização, a qual se pode expressar em duas situações distintas; (i) a nova ocupação do espaço respeita as anteriores tumulações ou (ii) a nova utilização vandaliza e destrói completamente os enterramentos anteriores. A primeira situação parece ser a mais frequente até à Idade do Ferro, a segunda generaliza-se a partir do período Romano.

Fig. 8 [página ao lado, à esquerda em cima] - Levantamento da arte gravada do Menir da Caeira (Vimieiro, Arraiolos).

Fig. 9 [página ao lado, à esquerda em baixo] - Estudo do espólio recuperado na Anta do Pequito Velho (Malarranha, Mora) nos inícios do séc. XX.

Fig. 10 [página ao lado, à direita em cima] - Trabalho de escavação no Povoado de Santa Cruz 13 (Brotas, Mora).

Fig. 11 [página ao lado, à direita em baixo] - Trabalhos de escavação na Anta da Meada 2 (St Aleixo,





Fig. 12 - Levantamento da arte rupestre da Anta do Telhal (Arraiolos).





Fig. 12 e 13 - Execução do Núcleo Regional do Megalitismo de Mora.

